

ÍNDICE

Nota Introdutória	15
-------------------------	----

PRIMEIRA PARTE

1. Cama de gato. Barca de Alva e uma teoria nova de nascer. Duas pátrias. Síntese. Salto místico. O paradoxal. No templo japonês. Bahia. Mãe de santo. Dar conselhos. Ser sinceramente todas as coisas.....	21
2. Os pseudónimos. Uma polémica com Alfredo Pimenta. Os heterónimos. “As Folhas Soltas de São Bento e Outras”. Catarse.....	27
3. Conceito de pessoa. Deus vário e uno ao mesmo tempo. Deus Pai Criador. Na realidade ninguém morre. A imprevisibilidade do Pai e do Filho. O que o homem faz com os animais. O Espírito voa onde quer. A <i>persona</i> . Ser vário. A paixão. Ir ao corrente do rio. Amar o imprevisível.....	31
4. Período de transição e as precauções necessárias. Não escandalizar os outros. Neopaganismo de Fernando Pessoa. Caridade. Eucaristia. As cartas de amor. A descoberta da graça no outro. Poder coordenador. Libertar as nossas várias personalidades. Abolir a obrigação do trabalho. A fábula das abelhas. O amor do imprevisível.....	38
5. Botelho Mourão. Escola. Mestres. Grande Guerra e numerosas revoluções. João Sarmento Pimentel. Jaime Cortesão. Ditadura militar. Um professor de finanças. 1974. Japão. Macau. Timor. Jorge de Sena. As críticas do Botelho Mourão. Também valem os defeitos. Teimosia.....	47
6. Timor. Uma comunidade de língua portuguesa. Conversa com o ministro Franco Nogueira. A revolução de 1974. Coisas líricas sobre a autodeterminação dos povos. O máximo de descentralização e a ampliação da consciência do universal.	57
7. Transformar-se em cigano. Derrubar muros.....	62
8. O Diabo. Erro técnico. Pecado contra o Espírito Santo. Converter o Diabo.	64

9. O tempo do paradoxo. O supremo ser paradoxal. O Zen. Código moral. Um episódio em Tóquio. Não desejar nada. 66
10. O poder. Defender o outro de ter poder. Ter a verdade. A água menos impura. O “cogito” cartesiano. Jogos de pensamento. Tomar o governo nas suas mãos. A fábula do lobo e do cão. Como se estivesse sozinho no mundo. Ser forte com a noção exacta da fragilidade..... 70
11. Como é o *logos*? Caos e cosmos. O mundo e o imundo. A lógica do mundo. Os místicos. Libertar Deus da nossa pobre humanidade..... 76
12. Uma lista dos pecados. O físico e o psicológico. Uma doença que dá paz. O que é bom e o que é mau? Castigo ou tratamento?..... 80
13. Portugal e a Europa. Estrangeirados e conservadores. Portugal comunitário. Federação de concelhos. Um rei democrático. Prisciliano. São Francisco de Assis: “*Small is beautiful*”. Culto do Espírito Santo. O choque com a economia europeia. Direito Romano. Liberalismo. Contra-Reforma. O que Portugal levou ao mundo? Platonismo. Academia. Aristotelismo. A Ilha dos Amores. Ser duplo. Sair de Portugal. O bode expiatório. Os escravos. Aristóteles e os Descobrimentos. Os estrangeirados: conservadores mais modernos. Quem é o revolucionário? Portugal no Brasil. Contra Napoleão. Apoio inglês. Os liberais vindos do Brasil. Um revolucionário reaccionário. Uma conferência em Santa Catarina..... 84
14. O Brasil: viagem às nascentes ao sabor do rio. Abertura. Como se tivesse pisado uma mola. Na corrente do Brasil sem armadura portuguesa. As flutuações e a intoxicação do Brasil. Paraíba. 106
15. O quadro real da Paraíba. A resolução do governador José Américo. O sertão medieval. A capital: criatório dos emigrantes. A tristeza como em Portugal. A Universidade. A seca. O treino militar. A valorização da cultura popular.... 111
16. Paraíba: o modelo de Portugal. Portugal transportadora. Os parafusos ingleses. A Universidade de ontem e de hoje. O livro: objecto do passado. Telenovelas brasileiras. O que é o actor quando não representa..... 116
17. Os folhetos de iniciação. Colecção Antologia. Uma série para as crianças. As palestras: 1939-1944. As dificuldades com a polícia. A prisão. A censura. A série das biografias. O fundamental do poeta: acontecer-lhe poesia. O Estado português. Como varrer a casa..... 121
18. Chegada ao Brasil. Abertura. Descoberta de Portugal. Sem saudade. A inserção na corrente brasileira. 126
19. O mundo é algo que se esculpe. Uma escultura chamada universidade. Santa Catarina. Cursos de costura. Universidade de Santa Catarina. Emigrantes. Estudar África. O desejo de ensinar nas colónias. A Ilha de Moçambique. Rumo à Bahia..... 128

20. Centro de Estudos Africanos e Orientais. Nas caves da Universidade. Os costumes navais. Contactos com países africanos. Presidente Senghor. A história de um dentista. A participação da comunidade negra da Bahia. Eleições presidenciais. Colaboração com Jânio Quadros. A renúncia do presidente. A metafísica do candomblé. 132
21. No terreiro. Teologia de um Deus ausente. Santos e orixás. Um Deus transcendente e imanente ao mesmo tempo. 140
22. Um professor desbritanizado de iorubá. Centro de Reafricanização. O serviço de medianoiteiro. O embaixador perde o decoro. De novo em Santa Catarina. Do Rio a Brasília. 146
23. Darcy Ribeiro. A Exposição Histórica do Quarto Centenário de São Paulo. A lição de história. O Brasil roubado aos espanhóis. A duplicidade do português. Hipócrita, actor e Fernando Pessoa. 150
24. A Universidade de Brasília. A teologia e a política. Os dominicanos. Conferência sobre o ateísmo. Certos comportamentos humanos. Os gatos humanizados. Professores e assistentes. Conciliação e hostilidade. Centro Brasileiro de Estudos Portugueses. Livros de Portugal. O convite do Governo Português. Com Franco Nogueira e Adriano Moreira. Portugueses e holandeses no Brasil. Uma comunidade luso-afro-brasileira. Recolonização do Brasil. No barracão. O colar da Academia. A traição de Platão. A greve dos funcionários. Discurso num comício. Manter a Universidade aberta. Oscar Niemeyer e o fim da greve..... 153
25. Nas vésperas da Revolução de 64. Darcy Ribeiro e o bicho da política. A importância de fazer pequenas coisas nos pequenos lugares. Revolução e o curso da História. Ditaduras. Subsolar o Brasil. A tomada da Universidade. A recepção do novo reitor. Ambiente muito tenso. A demissão colectiva. A falta de um plano geral. Criar uma nova mentalidade. 172
26. As universidades em crise. Optimismo a longo prazo. A preparação para os tempos livres. Um paraíso terreal. Outra ideia do Céu. As duas faces da lua..... 184

SEGUNDA PARTE

27. Homens e bichos educadores. Colonos finlandeses na Serra de Itatiaia. Instituto Oswaldo Cruz. Tradutor de russo. Filosofia de Educação na Faculdade de Niterói. Especialidade: vida. Três Universidades. Casa de António Sérgio. Collège de France. Teoria da evolução, entomologia e metafísica. 191
28. O diletante. “Viver ao mesmo tempo o dia e a noite”. A sorte de Fernão de Magalhães. Uma experiência pedagógica. Ser egoísta..... 206

29. Senegal e Portugal. Escravidão. “Porque chora o Infante?” Democracia e liberdade. Saudades do Céu. Pouca diferença entre escravos africanos e os emigrantes portugueses. Estudantes senegaleses em Lisboa. Senghor e Portugal. Fado e música popular em Portugal. Fado e necrofilia. *É por ou para?* 211
30. O menino imperador. Não deseducar. Os deveres onde ficam? Pecado contra o Espírito Santo. Os heterónimos de Fernando Pessoa. Ilha dos Amores. Culto do Espírito Santo e teatro grego. O sonho. Santa Teresa. Vieira, um homem essencialmente político..... 221
31. Onde está o mal? A ditadura de Salazar. “De boas intenções está o Inferno cheio”. O caso da não reintegração. Ter cuidado com os meios. “*Keep talking*”. Uma discussão entre João Gaspar Simões e Casais Monteiro..... 227
32. A Universidade de Brasília em crise. Uma experiência americana. A emigração portuguesa na Califórnia. Retorno a Brasília. Licença sem vencimento. Retorno a Portugal. 233
33. Viagem à Galiza. Galiza e Portugal. Galiza e Península Ibérica. Língua galega. A Igreja galega. 237
34. A Igreja cristã e o Reino do Espírito Criador. O trabalho. O desemprego. “A revolução é de culpa daqueles que não evoluíram”. O *aggiornamento*. Ditadura em Portugal e outras ditaduras. O cristianismo e o budismo. A Igreja e o Banco. Marx, marxismo e cristianismo. A teologia de libertação. A Ilha dos Amores ou do Amor..... 242
35. “Quando penso na reforma de Portugal”. O essencial é a liberdade. Liturgia. A disciplina interna. “Não há maneira de a gente poder travar o mundo”..... 257
36. Como respiram as formigas? O mundo de animais. A minoria homem. O homem é inferior a si próprio. Três coisas que sabemos de Deus..... 261
37. Portugal na Europa. A iniciativa privada e a colectividade. Mentalidade naval. Revogação do Tratado de Tordesilhas. A Ibéria. A guerra latente. Brasil e China. São Bento e a Europa. Portugal, o país da árvore. A poluição e a educação..... 264
38. O medo da guerra e outros medos. “O medo nunca é pedagógico”. Os bárbaros. A importância das ordens religiosas. Nem sistema de livre iniciativa, nem economia colectivista de Estado..... 274
39. A ideologia. Um estado de utopia. As utopias do Oriente e do Ocidente. As multinacionais. Dois sistemas do mundo em confronto. O trabalho e a reforma. As raízes do terrorismo. O cooperativismo. O Cristianismo tomado pelo Império. Portugal e a audácia. “Como é que eu devo viver” 276
40. Origens de Portugal. *Homo Afer Taganus*. Portugal e África. Levar a Europa ao mundo. Trazer o mundo à Europa. 285

41. O Velho do Restelo — a voz da oposição. Portugal — um país profundamente triste. Portugal e Europa. Europa como um remédio para o mundo. “Os vencidos da vida”. Democracia e liberdade. Capitalismo *versus* comunitarismo. “A economia não é raiz de tudo”. Conservador da ideia do futuro..... 289
42. O messianismo. O messianismo em Portugal. Três reis sinistros. Sebastianismo. Vieira: sebastianista dum Brasil. Quinto Império. A política e a mística do Vieira. Fernando Pessoa, Ofélia e os heterónimos. Império do Espírito Santo. Europa como um império. A lição da liberdade plena de Fernando Pessoa. Liberdade absoluta como ideal do homem. Santa Teresa. O prémio de *Mensagem*. Messianismo na Polónia. Vieira e os índios. Um novo messianismo. 300
43. Uma perfeita ordem natural do mundo. Providência e liberdade. A época de “pastagem poética”. 321
44. Não há avanço sem perigo. Os perigos vêm do homem. Os problemas da Rússia e dos Estados Unidos. O desemprego: um problema fundamental do mundo. 324
45. Olivença: a história e o presente. “Os Encontros de Ajuda”. Cidade de duas culturas. Península — região pluricultural. Europa de culturas..... 329
46. A Europa e o Ocidente. Indo-europeus. O papel da Península Ibérica na Europa. O mundo pluricultural..... 334
47. Seriedade com que uma criança brinca. No templo budista em Tóquio. Toynbee e o futuro do mundo. Herdeiros de Cristo e de Maomé. Entender os outros no Oriente e no Ocidente. A busca da unidade fundamental pelo europeu. China, Brasil, Japão. Fernando Pessoa — a unidade e a pluralidade. O fenómeno e o númeno. O verbo ser. Tempo e eternidade. Homem — filho de Deus. 336
48. *Monsignore Quixote* de Graham Greene. O pecado de Lenine. O perigo de “querer fazer”. A tentação de poder. Ter ideias e esperar que se realizem. Maomé: místico e guerreiro. Um navio convento. Os Descobrimentos. Abóbora coberta. Fazer as coisas a partir do essencial. O problema básico: o de comer. Luta pelo poder. O papel de Salazar. O caso de Cuba..... 350
49. Posição actual da Europa. Estados Unidos e Japão. Cozinha brasileira, portuguesa e outras cozinhas. As filosofias europeias: um corrimão das escadas. A filosofia do português e do espanhol. “Olhar a vida com os olhos”. O determinismo e a dificuldade como um desafio..... 360
50. A missão da Europa: “dar um pulo para a poesia”. Ibéria na Europa: abrindo novos caminhos. Humanizar a tecnologia. A busca do impossível. Que a nova Europa se alargue. Um rio subterrâneo na Revolução Francesa. Um culto místico da razão. Direito à poesia para todos. Ser poeta à solta. O terrorismo. O romantismo hoje. O ouro e o petróleo. Filipinas e Próximo Oriente. O que têm em comum o Oriente e o Ocidente. O desemprego na Rússia. Uma lenda holandesa. As revoluções do impossível e da loucura. 366

51. Não servir-se do paraíso. Nietzsche e a filosofia. O Domingo inglês. Uma corrida para as coisas. O jejum. A experiência de médico no Brasil. Os franciscanos e outros monges. Vocação monástica. O essencial é a defesa da liberdade. O voto de obediência aos gatos. Os votos de casamento.....381
52. Ter gosto no jogo. O plano máximo: desistir dos nossos planos. Ser monge contemplativo duma nova espécie. Estar atentos ao mínimo sinal de Deus....387

E Nota Final 391

Agostinho da Silva

Reflexão à Margem da *Vida Conversável* 393

Pedro Martins

Índice Onomástico..... 399

NOTA INTRODUTÓRIA

A minha frente folhas amareladas de *Vida Conversável*, segunda metade inédita do texto dactilografado com as marcas da revisão, letra inconfundível de Agostinho da Silva. Não foram só trinta e três anos, foi uma época que passou. Mas o texto não pertence ao passado. Só a letra precisava de uma revitalização. A palavra permanece actual e viva, como nos dias da sua gravação.

Foi em 1985 em Lisboa. O meu visto brasileiro demorava a sair. Era como se a cortina de ferro se tivesse estendido até às margens do Tejo, para dificultar a minha saída para o Brasil. O Muro de Berlim ainda estava firme e eu era do outro lado. Mas bastava subir ao Bairro Alto, bater na porta da casa do Professor Agostinho, e o Brasil se abria naquele seu “posto avançado”.

Propus-lhe a gravação de uma entrevista e ele concordou. A conversa se prolongou por quase todo o Outono daquele ano, até resultar num livro que em meados de 1986 estava pronto para ser publicado pela editora Bertrand de Lisboa, mas acabou não saindo. No prefácio, assim começava a minha apresentação das circunstâncias que lhe deram origem:

Quase todas as semanas durante os últimos quatro anos, bati à porta da casa do Professor Agostinho da Silva, que se tornou a minha segunda Universidade. A primeira, a Universidade Jaguelónica de Cracóvia, enviou-me para ensinar a língua e literatura polacas na Universidade de Lisboa. Logo no início



soube que um professor queria aprender polaco e assim subi pela primeira vez no Elevador da Glória e pela primeira vez desci à Travessa do Abarracamento de Peniche...

Concluída a gravação, Agostinho da Silva quis que dispusesse do texto das conversas à vontade, da forma que eu achasse melhor. Tomei a liberdade de retirar as minhas perguntas, comentários, provocações, já suficientemente presentes nas respostas, e dessa forma dar destaque ao discurso do meu Interlocutor, não interromper nem fragmentar o seu fluxo. Para preservar ao máximo o carácter e o estilo inconfundível da fala do Professor, na sua transcrição não houve interferências ou correcções da sintaxe nem das formas lexicais e gramaticais próprias da oralidade e do pensamento *in statu nascendi*. Espero que desse modo o Leitor possa presenciar também como o ouvinte e interlocutor esse discurso inacabado sobre tudo, em que o testemunho da vida, o pensamento e a experiência se confundem e complementam em busca do saber e do prazer da vida (conversável, sim) nos domínios da ciência e da poesia, em diálogo com o mundo e com o outro, vislumbrando até o que não tem nome e que nos aguarda e desafia além do horizonte do saber.

*

Por uma série de adversidades do destino e/ou resistências pessoais e institucionais diversas, só agora, trinta e três anos depois, a *Vida Conversável* pode ver, na sua íntegra, a luz do dia. Até agora só foi possível a publicação de uma parte, a primeira metade, numa edição restrita do Núcleo de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília, em 1994 e, logo em seguida, pela editora Assírio & Alvim de Lisboa.

O que parecia perdido para sempre, aguardava apenas a sua hora para ressurgir. Em 2010, dezasseis anos depois da publicação da metade que restou do manuscrito da *Vida Conversável*, aparece outra sua metade, entregue por Fernando Milheiro (à altura revisor da Bertrand), Luís Milheiro e João Pedro Tapada à Associação Agostinho da Silva, de Lisboa. Os originais, assim como o texto digitalizado e revisto por Renato Epifânio, Rui Lopo e Ricardo



Ventura, desta Associação, foram-me enviados posteriormente. Assim pude fazer mais uma revisão daquela segunda parte ressurgida e preparar a versão completa para a edição. Porém, todas as tentativas de publicação, tanto em Portugal como no Brasil, foram frustradas até ao encontro com Pedro Martins e Alexandre Gabriel, editor da Zéfiro, no final de Outubro de 2018, em Lisboa, que deu origem à presente edição.

*

Ao dividir a emoção indissociável desta transformação em livro da palavra que poderia ter uma vida curta, o Professor Agostinho iria decerto compartilhar comigo também gratidão aos que encorajaram a ideia de sua publicação, que colaboraram na revisão e preparação do texto e que realizaram a presente edição, ou seja, Maria Violante Vieira, Manuel Hermínio Monteiro, Lúcia Liba Mucznik, João Ferreira, José Santiago Naud, Pedro Agostinho, João Rodrigo Mattos, Gabriela Agostinho, Carlota Cortesão, Paula Cristina Pereira, Fernando Dusi Rocha, Fernando Milheiro, Renato Epifânio, Rui Lopo, Ricardo Ventura, Pedro Martins, Alexandre Gabriel e à Małgorzata Siewierska com quem vivemos as alegrias da amizade do Professor, sempre presente em nossa grata e saudosa memória.

HENRYK SIEWIERSKI

Brasília, 30 de Abril de 2019



*Conceito de pessoa. Deus vário e uno ao mesmo tempo.
 Deus Pai Criador. Na realidade ninguém morre.
 A imprevisibilidade do Pai e do Filho. O que o homem
 faz com os animais. O Espírito voa onde quer. A persona.
 Ser vário. A paixão. Ir ao corrente do rio.
 Amar o imprevisível.*

O meu conceito de pessoa é, digamos, tão interior e tão não comprometido seja com o que for, que não teria nome nenhum e não poderia designar-se por coisa nenhuma. O meu conceito interno de pessoa é um conceito a que nem se poderia aplicar o nome de pessoa porque esta vem da palavra latina *persona* que significa *máscara*. Então quando digo “está aqui uma pessoa”, é a mesma coisa que dizer: está aqui um homem mascarado ou uma máscara de homem, que me pode aparecer com muitos aspectos. A pessoa pode ter várias *personae*, várias máscaras com que aparece. Então podemos supor que às várias máscaras que aparecem ou que sem aparecer existem, a pessoa pode dar nomes diferentes, escondendo, deixando no silêncio, na obscuridade, na indefinição, aquilo que a pessoa acha fundamental. Assim daqui nós podemos passar para uma coisa metafísica ou teológica que seria interessante explorar, que é a da concepção de um Deus, vário e uno ao mesmo tempo. Coisa que me parece a mim muito compreensível se nós aceitarmos, não quero dizer aceitarmos como verdade — para um sê-lo-á, para outro não — mas aceitarmos como hipótese, que antes de haver mundo existia alguma coisa com possibilidade criadora a que se chamaria na linguagem de algumas pessoas Deus. Então



eu acho que esse Deus teria consigo, como uma das suas características, a da consciência. Esta não existiria fora de Deus e não teria aparecido no mundo apenas aquando da sua constituição. Deus teria consciência, ela estaria em Deus, ou se o meu amigo quer chegar à última coisa que podemos dizer nesse ponto: Deus seria a consciência. Então Deus teria a consciência de si próprio. Ao acontecer isso, já haveria duas pessoas: aquela que tem consciência e a que é conscienciada. O sujeito da consciência e o objecto da consciência. E nós teríamos duas pessoas, uma depois da outra, numa sucessão como se fosse de pai e filho, coisa que pode suceder connosco se, por exemplo, nos olharmos ao espelho ou se olharmos para dentro de nós próprios sem espelho...

Ele teria consciência. É por isso que eu digo: se nós quiséssemos chegar ao exagero — Deus seria a consciência, e basta eu dizer isso para fazer imediatamente de Deus um sujeito e um objecto. Então eu preferia: ele era a consciência, para não separar sujeito e objecto. Mas quando ele toma consciência de si próprio então há um sujeito e um objecto, só que são um e o mesmo. Mas ao mesmo tempo que eles são o mesmo, eles são dois, o sujeito e o objecto. Deste modo, se são um mesmo há uma identidade, há uma essência entre o Pai e o Filho, e aí está o que eu chamaria o Espírito; a essência de Deus estaria ao mesmo tempo no Pai e no Filho, no sujeito e no objecto, e seria independente deles ao mesmo tempo.

Assim, agora, ao passo que o Pai seria previsível, de um Deus Pai Criador eu posso sempre dizer que tal acto é previsível nele ou não, inclusive a destruição. Porque o acto de destruição, tal como o podemos conceber, é sempre o acto de uma nova criação; na realidade ninguém morre, toda a gente se transforma noutra coisa qualquer, por um lado transforma-se numa certa química, e por outro numa certa lembrança, numa certa ideia. Nem na morte há uma destruição! Há uma lembrança da pessoa nos que ficam e há uma transformação química naquilo que baixa à terra ou que se queima, porque no fim é o mesmo. Então ele será sempre o Deus Criador. Não tenho possibilidade de ver Deus como um destruidor absoluto — ele é previsível. No Filho, naquele que toma consciência do outro há, pois, sempre uma ligação, que é uma ligação de identidade, de



*O Diabo. Erro técnico. Pecado contra o Espírito Santo.
Converter o Diabo.*

Número um, o Diabo é coisa que não me preocupa absolutamente nada. O Diabo, eu não me esqueço, é apenas um anjo caído porque fez um cálculo matemático falso, errado, ele não sabia matemática suficiente para acertar uma equação e meteu-se numa aventura para a qual não estava preparado. Em todo o caso, o importante é que era um anjo. Então quando alguma coisa está errada, quando um anjo ou um homem estão errados, a minha preocupação não é de maneira nenhuma dar-lhes lições, mas sim ver se não faço a mesma coisa confiante e o melhor será que eu, pelo menos, e toda a gente à volta, ou quase toda, ou o maior número das pessoas possível, se comportem de uma maneira diferente daquele que errou. Se o anjo falhou em matemática, a minha obrigação estrita é saber matemática e ajudar os outros para que não seja possível a ninguém cometer o erro técnico que o Diabo cometeu, o erro de juízo. E talvez por aí o Diabo seja levado a uma recuperação de si próprio.

Não é possível condenar eternamente um criminoso. Recordo que a Igreja põe como único pecado inextinguível, o pecado contra o Espírito Santo e é preciso sabermos se o pecado que o Diabo cometeu, isto é, o anjo, foi ou não contra o Espírito Santo. Então teríamos que definir primeiro, em termos que entendêssemos, pelo menos nós dois, que coisa é o pecado contra o Espírito Santo. A mim parece-me que eu o definiria como aquele que destruisse o meu poder de ser imprevisível, o de ser também um ser imprevisível, tão



plenamente criador que ninguém de fora pudesse saber por que caminhos é que eu meteria... eu continuaria nesse caminho. Mas se fizer qualquer coisa que nem eu posso definir o que seja que vá destruir esse poder criador pleno, a possibilidade completamente imprevisível, creio que nessa altura cometo um pecado contra o Espírito Santo. Ora, tenho a impressão que o anjo pecador não cometeu um pecado contra o Espírito Santo, porque há uma coisa que nós não podemos negar ao Diabo, quando vemos a sua história desde que a sua concepção apareceu por aí fora, é aqui que está a actividade extraordinária deste cavalheiro: ele é completamente imprevisível, portanto, não deve ter cometido pecado contra o Espírito Santo, segundo a minha concepção. Então é possível regenerar o Diabo. E eu não vou regenerá-lo por meio do sinal da cruz ou da água benta — isso são apenas coisas que faço para ele não se interessar comigo e não me aborrecer. Só posso converter o Diabo, como qualquer homem, não por aquilo que diga ou que mecanicamente faça, mas pela minha própria transformação — é elevando-me o mais possível que eu posso, na realidade converter os outros homens. Quando São Bernardo — se é que ele fez isso — considerou conversa apenas a conversa comum, estava muito limitado. A questão é que ele não reparou, talvez, que a palavra conversa tem a mesma origem etimológica que converter, o que está implicado quando um homem conversa com outro, é uma conversão de qualquer deles ou dos dois ao mesmo tempo — é converter-se aqui, converter-se a qualquer coisa que entenda os dois como as duas partes, as metades de uma certa unidade. Quando conversamos com uma pessoa, no fim de contas queremos converter-nos ou converter a nossa dualidade numa unidade superior. Então se se trata de converter o Diabo, da minha parte ou da parte de todos os homens, vamos a isso, vamos a ver se eu e o Diabo nos convertemos ao mesmo tempo nalguma coisa que me dá a mim ser plenamente um filho de Deus e ser plenamente o Diabo, o anjo caído que se restabelece no Céu e toca contente e para deleite de todos nós, a sua harpa.



*As universidades em crise. Optimismo a longo prazo.
A preparação para os tempos livres. Um paraíso terreal.
Outra ideia do Céu. As duas faces da lua.*

A mim, o que me parece, no fim de contas, é que as universidades de uma maneira geral estão em crise que significa o desaparecimento deste tipo de Universidade e o aparecimento de um outro, possivelmente com um largo intervalo de tempo. Quer dizer, a breve prazo eu sou pessimista quanto ao mundo. A longo prazo optimistíssimo, tal como podia ser um homem que tivesse ideias sobre o futuro na altura em que fechou a Escola de Atenas, em que acabou o tipo de ensino ou de estudos superiores greco-romanos. Então esse homem podia supor que aquilo estava acabado, não havia mais nada a tirar dali, que tudo ia acabar na erudição miúda, seca, na maior parte das vezes sem interesse, do que foi, por exemplo, o movimento erudito em Alexandria, e que talvez no futuro aparecesse outro tipo de coisa, com mais vitalidade, com mais força interior, com mais interesse geral do que aquela Universidade que se arrastava e acabava. Pois bem, hoje, eu suponho que estamos a enfrentar uma crise semelhante a essa. Por vários motivos. A Universidade greco-romana não entrou em crise em si, enquanto o mundo à volta não estava em crise nenhuma, pelo contrário, entrou tudo em crise ao mesmo tempo: são os bárbaros que entram, as pessoas que não entendem que possa vigorar em Roma um cristianismo que vinha com fortes tintas do Oriente e que eles queriam ocidentalizar à força. A sociedade estava a mudar toda a sua economia, toda a sua estrutura, tal como a nossa está, e esta Universidade que foi feita para uma determinada economia, para uma determinada sociologia, para um determinado direito, para uma determinada filosofia, está a entrar em todos os sinais de decadência. Hoje são lugares onde



as pessoas vão fazer as suas pesquisas e fabricar os seus currículos, muitas vezes com pouquíssimo interesse pelos jovens que ali entram e com um problema terrível pela frente. É que esses jovens estão preparados para uma Universidade que foi criada para fazer gente capaz de desempenhar trabalhos de variadas espécies e os jovens que saem dessas Universidades defrontam-se com um mundo em que cada vez há menos capacidade de haver trabalho. Então, só por isso, as nossas Universidades deviam passar a qualquer outra coisa que fosse não a preparação para os tempos de trabalho, mas pelo contrário, a preparação para os tempos livres. Pelo menos até que pela evolução da economia se possa chegar a essa vida do tempo livre para a criação individual de cada um.

É evidente que muito tempo vai passar, é possível que passem séculos sem que nós consigamos dar o salto, fazer a transição de uma economia do trabalho para uma economia ou para uma vida que seja a do lazer. No fim de contas talvez possamos dividir a vida da Humanidade em três grandes períodos: um primeiro em que o homem não entendia sequer o que é o trabalho, o homem caminhava e onde encontrava coisas para comer, comia, onde encontrava lugares para abrigar-se, abrigava-se, o que durou séculos e séculos de emergência da Humanidade, até que se entra numa segunda época a que eu chamaria a do trabalho em que aparecem até metafísicas conducentes e disciplinadoras de tudo isso e o trabalho veio por aí fora e está sendo, já no nosso tempo, uma angústia para muita gente. Aliás, duas espécies de angústia: a daqueles que não trabalham e que se perguntam como é que vão comer, como é que vão viver, porque até agora só se pode viver apresentando provas de que se trabalhou; e por outro lado a angústia daqueles que trabalham, mas que estão com medo que o trabalho tome conta deles. O sujeito que trabalha com computadores ou na linha de montagem das fábricas está com medo, está com a consciência de que aquilo um dia pode tomar conta dele e ele ser uma simples máquina sem nenhuma espécie de atitudes individuais, sem nenhuma espécie de criatividade. Mas eu creio, e aí é só uma questão de fé porque não há nenhuma espécie de demonstração, nem racional, nem de fé, eu creio que não, creio que tudo o que o trabalho acumulou, é capaz de abrir a porta da liberdade, desde que saibamos aproveitá-la, desde

